

**Mulheres com Parkinson: pesquisa de percepção em produtos de moda com foco no
*Design Centrado no Humano***

**Women with Parkinson's disease: perception research in fashion products with focus on
Human Centered Design**

**Mujeres con Parkinson: investigación de percepción en productos de moda con un
enfoque en el Diseño Centrado en el Humano**

Recebido: 26/07/2020 | Revisado: 13/08/2020 | Aceito: 17/08/2020 | Publicado: 22/08/2020

Ítalo José de Medeiros Dantas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0710-6142>

Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

E-mail: italodantasdesign@hotmail.com

Jeferson Rodrigo Silva Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7259-5187>

Centro Universitário de Patos, Brasil

E-mail: rodrygojeferson@gmail.com

Rafaela Patrícia de Araújo

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9468-2406>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: rafaelapatricia258@gmail.com

Vanda da Conceição Silva

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4615-0541>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: vandaparnamirim@outlook.com

Mariana Nunes do Nascimento

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0489-8060>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: mariana.n.n@hotmail.com

Layla de Brito Mendes

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4982-9728>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: Layla.mendes@ifrn.edu.br

Alan Jones Lira de Melo

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0802-5790>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: alan.melo@ifrn.edu.br

Resumo

Há um crescente fenômeno em desenvolvimento na sociedade que gira em torno da expansão da terceira idade no Brasil, devendo triplicar até pelo menos o ano de 2050. Com isso, conseqüentemente, acarreta em uma série de demandas industriais que deve borbulhar e despontar em um ambiente que não se encontrava propício primariamente a esse público consumidor. Nessa perspectiva, deve-se adaptar e produzir artefatos, especificamente discutindo nesse trabalho, os produtos de moda, que atenda e potencialize tanto essa demanda por vir, como sejam metodicamente preparados às especificidades fisiológicas, físicas e psicológicas desses indivíduos. Inerente ao envelhecer, o processo acarreta uma série de complicações corpóreas que podem levar à intensificação de doenças, dentre elas, recorta-se, nessa pesquisa, enquanto essência, a doença de Parkinson. Dessa maneira, o objetivo desse artigo é compreender a maneira que mulheres acometidas por Parkinson enfrentam o seu dia a dia, assim como projetam e entendem seus objetivos de valores através das funções estéticas, práticas e simbólicas de produtos de moda. Para tal, a pesquisa se classifica como descritiva de abordagem quantitativa e qualitativa. Para atingir esses fins, aplicou-se uma entrevista baseada no *Parkinson's Disease Questionnaire – 39* usando uma ferramenta online com 40 mulheres acometidas por Parkinson, convidadas através de grupos do *Facebook* voltados ao Parkinson. Como resultado, conseguiu-se concluir que a maior dificuldade enfrentada está em retirar as peças de roupa, a seguir, valoriza-se em maior média a praticidade e as respondentes indicaram o velcro como melhor substituto para os fechos usados pela indústria.

Palavras-chave: Parkinson; Ergonomia; Moda inclusiva; Terceira idade; Design Centrado no Usuário.

Abstract

There is a growing phenomenon in development in the society that revolves around the expansion of the elderly in Brazil, which should triple until at least the year 2050. Consequently, this leads to a series of industrial demands that must bubble up and emerge in an environment that was not primarily suitable for this consuming public. In this perspective,

it is necessary to adapt and produce artifacts, specifically discussing in this work, fashion products, which meet and enhance both this demand to come and how they are methodically prepared for the physiological, physical, and psychological specificities of these individuals. Inherent in aging, the process guides to a series of bodily complications that can lead to the intensification of diseases, among them, in this research, Parkinson's disease is the essence. Thus, the objective of this research is to understand the way that women affected by Parkinson's perceive their daily lives, as well as understand their values goals through the aesthetic, practical, and symbolic functions of fashion products. To this end, the research is classified as descriptive with a quantitative and qualitative approach. To achieve these ends, an interview based on the Parkinson's Disease Questionnaire - 39 was applied using an online tool with 40 women affected by Parkinson's, invited through Facebook groups. As a result, it was possible to conclude that the greatest difficulty faced is in removing the garments, therefore, practicality is valued at a higher average, and respondents indicated Velcro as the best replacement for the closures used in the industry.

Keywords: Parkinson; Ergonomics; Inclusive fashion; Third age; User Centered Design.

Resumen

Hay un fenómeno creciente en el desarrollo de la sociedad que gira en torno a la expansión de las personas mayores en Brasil, que debería triplicarse hasta al menos el año 2050. En consecuencia, esto lleva a una serie de demandas industriales que deben burbujear y surgir en un entorno eso no era principalmente adecuado para este público consumidor. En esta perspectiva, es necesario adaptar y producir artefactos, discutiendo específicamente en este trabajo, los productos de moda, que satisfacen y mejoran tanto esta demanda como la forma en que están metódicamente preparados para las especificidades fisiológicas, físicas y psicológicas de estos individuos. Inherente al envejecimiento, el proceso conduce a una serie de complicaciones corporales que pueden conducir a la intensificación de enfermedades, incluida la enfermedad de Parkinson, como la esencia de esta investigación. Por lo tanto, el objetivo de este artículo es comprender la forma en que las mujeres afectadas por el Parkinson enfrentan su vida cotidiana, así como proyectar y comprender sus objetivos de valores a través de las funciones estéticas, prácticas y simbólicas de los productos de moda. Con este fin, la investigación se clasifica como descriptiva con un enfoque cuantitativo y cualitativo. Para lograr estos objetivos, se aplicó una entrevista basada en el Cuestionario de la enfermedad de Parkinson 39 utilizando una herramienta en línea con 40 mujeres afectadas por el Parkinson, invitadas a través de grupos de Facebook. Como resultado, se concluyó que la

mayor dificultad que se enfrenta es quitarse las prendas, por lo tanto, la practicidad se valora a un promedio más alto y los acometidos indicaron que el velcro es el mejor reemplazo para los cierres utilizados en la industria.

Palabras clave: Parkinson; Ergonomía.; Moda inclusiva; Tercera edad; Diseño centrado en el usuario.

1. Introdução

O aumento do quantitativo de indivíduos que se encontram na faixa etária da terceira idade é crescente, consequência da melhora relativa na qualidade de vida e ao acesso que vem sendo ofertada através da passagem temporal, possibilitando que um número maior de pessoas consiga atingir satisfatoriamente idades mais avançadas. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019), no censo desenvolvido para o ano de 2020, coloca que atualmente se tem cerca de 28 milhões de indivíduos que compõem o grupo etário da terceira idade, ainda, em 2043, a população será composta por um quarto de pessoas com mais de 60 anos, assim, finalmente, “a partir de 2047 a população deverá parar de crescer, contribuindo para o processo de envelhecimento populacional”.

A ideia e o processo de envelhecimento são naturais da trajetória do ser humano, seja ela observada pela elevação de complicações físicas, fisiológicas e psicológicas, o que põe à prova a subjetividade corpórea e mental de cada indivíduo, resultado influenciado a partir das características particulares, assim como do ambiente em que se insere (Camarano e Kanso, 2015). Partindo desse princípio, a geração de possíveis doenças e distúrbios são praticamente inevitáveis, visto que, conhecendo o trajeto quantitativo de evolução da terceira idade atualmente e especialmente em alguns anos, desponta em discussões que versa sobre a necessidade de se adaptar e produzir contextos, produtos e processos que facilitarão a vida dessas pessoas quando o período se aproximar (Souza, 2019).

A doença dessa Parkinson nesse contexto se configura enquanto uma degeneração neurológica que resulta em distúrbio motores e cognitivos, fazendo com que os seus acometidos vivam uma vida regrada por limitações básicas, que ao mesmo tempo lhe tiram totalmente a independência (Souza *et al.*, 2011). Assim, atende-se empaticamente um mercado consumidor que prospecta e desperta interesse positivamente à curto e longo prazo para uma fatia de mercadológica, através do desenvolvimento assertivo das funções práticas, estéticas e simbólicas dos produtos industriais (Löbach, 2001; Baxter, 2011).

Tendo em mente o baixo número de pesquisas na área de produtos de moda para pessoas com Parkinson, a justificativa que envolve a problemática dessa pesquisa se centra justamente na necessidade de compreender as especificidades dos públicos consumidores, entendendo as dinâmicas que lhes assolam, assim como os pontos que lhe agregam mais valor, pois seu resultado irá justamente garantir uma diferenciação nesses produtos e conseqüentemente agregar mais valor industrial e publicitário. Löbach (2001, p. 103) comenta que “a satisfação dos usuários é assegurada mediante uma sistemática investigação sobre suas necessidades e desejos”. Além, enquanto aspectos de inovação social, pode-se facilitar a rotina e a vivência de um grupo de indivíduos com necessidades particulares, tornando-os mais livres, independentes e mentalmente saudáveis. Ao trazer à tona essas discussões, garantem visibilidade maior para as necessidades de pessoas com Parkinson em meio ao grande número de grupos versados academicamente.

Através da abordagem dessas informações, o objetivo do presente artigo é aprofundar discussões teóricas, assim como prover conhecimentos técnicos para o desenvolvimento de produto centrado no usuário, sobre a percepção de mulheres com Parkinson e suas dinâmicas de relações com os produtos de moda. De maneira central na pesquisa, primeiro, questionando-as sobre quais pontos vivenciam um maior nível de dificuldade para, em seguida, discutir como projetam seus valores de preferências e importâncias em algumas das funções práticas, estéticas e simbólicas dos produtos de moda.

2. Referencial Teórico

Um das grandes conquistas do século XX foi o aumento da expectativa de vida das pessoas, fenômeno iniciado em países desenvolvidos, entretanto, recentemente, tem-se observado esse crescimento da população idosa (acima de 60 anos) em países em desenvolvimento. A estimativa é que no Brasil, o número de idosos seja cerca de 32 milhões de pessoas em 2020. O processo de envelhecimento é definido como a diminuição natural e progressiva da funcionalidade de um indivíduo e dependendo do ambiente que vive, tal como seu estilo de vida pode ou não prejudicar ainda mais esta condição (Guedes *et al.*, 2017; Veras; Oliveira, 2018).

O sistema biológico mais afetado devido ao processo de envelhecimento é o sistema nervoso, o mesmo tem o papel de intermediar a relação de um indivíduo ao meio externo, neste sentido, as alterações que podem se apresentar de forma anatômica ou até molecular trazem consigo problemas. Dentre as doenças que afetam o Sistema Nervoso Central (SNC),

está a Doença de Parkinson (DP), descrita inicialmente pelo James Parkinson (1817) como “Paralisia Agitante”, é a segunda patologia neurodegenerativa mais comum em idosos, afetando cerca de 2 pessoas a cada 100 pessoas acima de 60 anos. Estima-se que, em 2020, cerca de mais de 40 milhões pessoas no mundo manifestarão déficits motores oriundos da DP. Observa-se comumente a presença comprometimento dos movimentos, outros sintomas são a rigidez e tremores musculares, bradicinesia (movimentos lentos), falta estabilidade postural e sensibilidade e reflexos alterados (Souza *et al.* 2011; Ferreira *et al.*, 2018; Silva *et al.*, 2019; Vasconcellos *et al.*, 2019).

A Doença de Parkinson se dá pela neuro-degeneração da substância negra presente no tronco encefálico que é responsável por sintetizar a dopamina, neurotransmissor responsável manutenção da sinapse (comunicação) entre neurônios. A diminuição dopamina acarreta desajustes no sistema responsável pelo controle motor (Vasconcellos *et al.*, 2019). Apesar de não haver um consenso acerca da etiologia da DP, acredita-se que essa degeneração se dá por causa multifatorial como fatores genéticos, contato com substancias toxicas, estresse oxidativo e infecções, o que pode dificultar seu diagnóstico. Envelhecer também ser considerado um fator de que predispõe esta doença, visto que a maioria das pessoas afetadas têm idade acima de 60 anos, independentemente da cor, sexo e/ou classe social. (Gonçalves; Leite; Pereira, 2011; Zavariz; Limeira, 2012).

Segundo Zavariz e Limeira (2012), cerca de 80% dos casos são classificados como Doença de Parkinson Primária Idiopática, nesses casos os sintomas são evidentes de forma unilateral; quando esta patologia ocorre após acontecimentos como contato com substancias toxicas, problemas metabólicos e vasculares decorrente de tumores cerebrais, traumas cranioencefálicos e hidrocefalia são classificados como: Doença de Parkinson Secundária; quando há correlação genética é classificado como; Parkinson Heredodegenerativa; o termo Síndrome Parkinson-plus se dá quando a mesma se apresenta acompanhada de outras anomalias neurologias.

Por se tratar de uma doença progressiva, Santos (2015) classifica o grau de gravidade da DP em estágios: No primeiro estágio, os sinais são expressivos em apenas um lado do corpo, apresenta expressão facial paralisada, tremor em um dos braços e constantemente em posição semiflexionada e o corpo inclinado para o lado oposto, já no segundo estágio, os sinais são observados bilateralmente, alteração postural, membros inferiores constantemente fletidos com passadas arrastadas e lentas, no terceiro, as alterações de postura e marcha são bem mais evidentes e apresentando maior risco de quedas, no quarto estagio a marcha é limitada e o indivíduo necessitará de auxílio para realizar algumas atividades, pois há um

certo grau de incapacidade, já o quinto é o mais grave, pois a pessoa nesse grau encontra-se acamada e totalmente dependente de um cuidador.

Há também as complicações neuropsiquiátricas como ansiedade, depressão, psicose e déficit cognitivo (memória e atenção), deste modo, apresentará dificuldade quando for necessário realizar uma atividade que envolvam de forma conjunta a função motora e cognitiva. Todas essas limitações causadas pela DP resulta em comprometimento funcional do indivíduo, ou seja, o mesmo passa a perder progressivamente a capacidade de realizar tarefas básicas como: andar, segurar objeto e até mover-se no leito, o que pode tornar a pessoa cada vez mais sedentária e dependente de auxílio, consequentemente contribuindo de forma negativa na qualidade de vida (Navarro-Peternella; Marcon, 2012; Terra *et al.*, 2016; Monteiro *et al.*, 2018).

Vale salientar que a qualidade de vida está envolvida a vários aspectos que vão desde biopsicológicos, emocionais, econômicos e sociais. À medida que a DP progride, ela afeta de forma global um indivíduo, prejudicando suas atividades de vida diárias, produtividade no trabalho, lazer e consequentemente suas relações interpessoais, vale salientar que o grau da qualidade de vida vai depender além dos fatores já citados, o tempo de convívio a percepção da pessoa afetada em relação a sua situação diante da doença. Neste sentido, reconhecer a importância desses fatores e sua relação com a qualidade de vida servirá de norte para criação estratégias e contribuição dos mais diversos profissionais afins de melhorar a vida de quem tem a DP (Navarro-Peternella; Marcon, 2012).

Löbach (2001) divide os produtos industriais como detentores de funções práticas, estéticas e simbólicas sendo, a variar os tipos de produtos, uma determinada função acaba por ser mais exaltada na configuração de um artefato do que a outra, consequência da projeção de valor e importância da percepção do usuário. Nesse sentido, a) função prática se categoriza conceitualmente por ser a relação fisiológica existente entre o usuário e o produto, isto é, a nível orgânico-corporal; b) função estética diz respeito às qualidades sensoriais percebidas durante o uso, dizendo muito respeito ao uso psicológico do produto; e, por fim, c) função simbólica compreende as associações convencionais na qual o produto está inserido em que, ao fazer sua utilização, o usuário irá associá-lo com experiências passadas, isto pode estar relacionados às cooptações existentes em sentido sociológico e cultural (Löbach, 2001).

Assim, a sociedade vive hodiernamente os resultados crescentes da passagem da centralidade produtiva do produto ao usuário, justamente visando atender mais satisfatoriamente um grupo específico de indivíduos em todos os quesitos necessários. O Design Centrado no Humano surge nesse sentido como um conjunto de métodos possíveis a

ser trilhado para atender às especificações existentes no planejado de produto direcionados, colocando o seu futuro utilizador no centro do planejamento. Desenvolvido a partir da figura do Design Centrado no Usuário, muito visto na área computacional, é caracterizado em nível de importância por Pagnan *et al.* (2019, p. 132) como “A relevância da inserção dos usuários no projeto reside no fato de os designers nem sempre serem capazes de compreender a realidade dos usuários, tornando a participação destes fundamental”.

Para colocar as mulheres com Parkinson no centro desse processo, o desenvolvimento de pesquisa estética e de percepção é essencial para garantir que seus anseios sejam atendidos satisfatoriamente durante a execução das etapas de planejamento de produto. Assim, baseia-se na noção trazida por Wick *et al.* (2020, p. 125) de que “O usuário é o maior detentor de conhecimento dele mesmo, sendo muito importante ouvi-lo. [...] Os objetivos da etapa ouvir são: determinar quem deve ser abordado; ganhar empatia; coletar histórias”. Desde que conhecer total e minuciosamente os desejos daquele público, será possível desenvolver produtos que sejam mais alinhados com o que os usuários querem de forma primária, até mesmo descobrir os desejos não externalizados.

3. Metodologia

A pesquisa é classificada quanto à sua natureza, como aplicada, pois visa a replicação prática dos seus resultados como tendo a finalidade de serem utilizados no desenvolvimento de produtos de moda. Já com relação aos seus objetivos, denomina-se como descritiva, pois visa delinear e discutir os aspectos fenomenológicos que se difundem nas dinâmicas de um determinado grupo de pessoas, sendo tratado especificamente aqui as acometidas pela doença de Parkinson. No que se refere a abordagem da pesquisa tratada, categoriza-se como qualitativa e quantitativa, pois apresenta dados numéricos e percepções subjetivas dos investigados (Gil, 2008; Muratovsky, 2016).

No que se refere aos procedimentos técnicos seguidos, o método de coleta de dados utilizado foi de entrevista estruturada, na qual disponibilizou-se através da plataforma virtual de formulários, o *Google Forms*, e disseminado aos respondentes via *internet*, justificado a partir da compreensão de que na região não tem um número considerável de pessoas com a doença ao acesso dos pesquisadores, a forma mais viável encontrada de se concretizar a pesquisa, foi disponibilizando-a virtualmente. Com isso, chegou-se à um quantitativo de entrevistadas de 40 mulheres com Parkinson, a partir de amostragem por conveniência. O convite para responder a pesquisa, foi realizado através de 3 grupos destinados às discussões

de pessoas com a doença de Parkinson no *Facebook*, tais como: ‘Recomeçando’ (com 5.005 membros), ‘Parkinson - Trocando Experiências e Vibrando com Parkinson’ (7.582 membros) e ‘O Parkinson – Grupo’ (5.718)¹. Assim, o questionário ficou disponível para obter respostas nos grupos mencionados anteriormente do dia 08 de janeiro de 2020 até o dia 14 de janeiro de 2020.

Com relação à estrutura, sua base foi adaptada a partir de alguns dos métodos propostos pelo *Parkinson’ Disease Questionnaire - 39 (PDQ - 39)*, uma maneira desenvolvida para medir as condições de bem estar global dos indivíduos acometidos pela doença de Parkinson, nesse sentido, essa ferramenta já passou por validação em estudos transculturais, podendo, ao mesmo tempo, ser aplicada em diversos países de maneira satisfatória (Lana *et al.*, 2007; Silva, Filho e Faganello, 2011).

A entrevista foi desenvolvida contendo 13 perguntas em seu *corpus* de investigação, com o objetivo de descobrir os aspectos de vivência, as dificuldades e a projeção de valor em produtos de moda pela perspectiva exclusiva de mulheres com Parkinson, possibilitando comparar com estudos anteriores desenvolvidos unicamente com homens com Parkinson. Iniciando com 2 perguntas demográficas, a primeira buscou descobrir o estado federativo brasileiro que a pessoa habita, em seguida, finalizando ao identificar a faixa etária das respondentes. As categorias de faixas etárias apresentadas para as mulheres se enquadrarem foram: menos de 18 anos, de 18 a 30 anos, de 31 a 40 anos, de 41 a 50 anos, de 51 a 60 anos, de 61 a 70 anos e, acima de 71 anos. Essa delimitação possibilita encontrar casos específicos de Parkinson juvenil ou precoce.

Foram disponibilizadas 3 perguntas abertas e subjetivas, primeiramente, tentou-se buscar como o Parkinson impacta diretamente na rotina dessas mulheres, em seguida há quanto tempo essas pessoas convivem com a doença, por último, perguntou-se qual a forma que elas acreditam ser mais viável para o fechamento dos produtos de vestuário.

Ao mesmo tempo, também buscou-se identificar na pesquisa de percepção, qual o nível de dificuldade que essas mulheres tem ao entrar em contato com peças de vestuário, como se configuram essa interação diária, questionando-as principalmente a partir de classificações em 4 vertentes: os aspectos de vestibilidade, a usabilidade, a possibilidade de sujar e, a retirada da peça. Em seguida, foi apresentado 4 elementos a serem atribuídas por classificações, isto é, quais aspectos as mulheres com Parkinson consideram serem mais importantes: o conforto, a segurança, a praticidade ou, os apelos estéticos. Com base no PDQ-

¹ Dados numéricos de membros referentes ao dia 19 de julho de 2020.

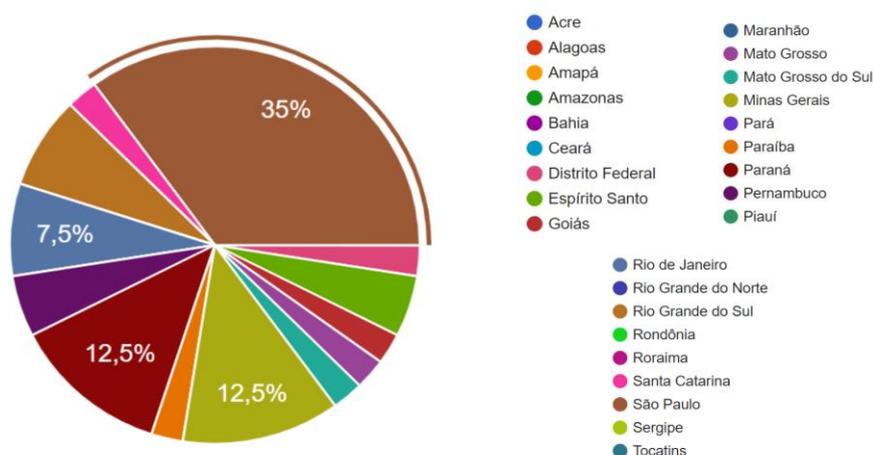
39, foi trazido as classificações postas que iam de 0 a 4, onde o 0 corresponde ao ‘nunca’; o 1 ao ‘ocasionalmente’; o 2 ao ‘as vezes’; 3 ao ‘frequentemente’ e, 4 ao ‘sempre’. No universo dessa pesquisa, fez-se uso do 0 para classificar o ‘pouco difícil/pouco importante’, a menor possibilidade e, com relação ao 4, compreende um significado de ‘muito difícil/muito importante’, sendo esta a maior possibilidade (Rodrigues e Silva, 2010; Dantas *et al.*, 2020).

4. Resultados e Discussões

As pessoas acometidas pela doença de Parkinson representam cerca de 200 mil somente em se tratando de Brasil, esse dado pode ser internacionalmente compreendido nas imediações de 1% a 2% da população mundial, segundo pesquisas da Organização Mundial da Saúde (OMS), onde surgem, segundo Souza *et al.* (2011), cerca de 36 mil novos casos por ano apenas no Brasil e, Pereira *et al.* (2019) complementa que até 2030 esse número em escala mundial chegará a ser cerca de 2 milhões de indivíduos.

Mesmo que se apresentando em grande quantidade, isso faz com que, em um espaço geográfico como o Brasil, esse número tenha uma alta distribuição, despontando, no mesmo sentido, em uma baixa concentração de indivíduos com Parkinson em uma mesma localidade. Assim, em busca de discernir as principais localizações dos indivíduos do gênero feminino acometidos pela doença, questionou-as acerca do estado federal brasileiro que habitam. O Gráfico 1, a seguir, representa o resultado dessa questão:

Gráfico 1 - Distribuição das entrevistadas por estado.



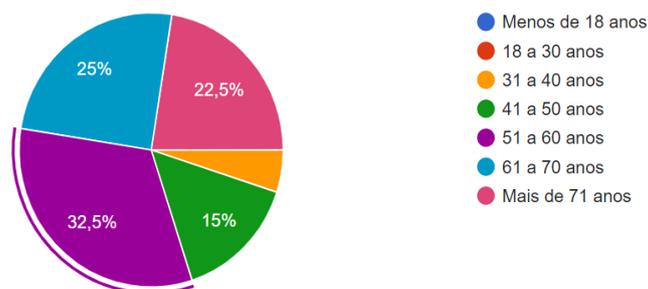
Fonte: Elaborado pelos autores.

É importante perceber no gráfico acima a relação dos estados com uma maior localização de pessoas com Parkinson, onde o maior quantitativo correspondeu ao estado de São Paulo (35%), seguido por Paraná e Minas Gerais, com 12,5% cada e, Rio de Janeiro com cerca de 7,5%. À proporção, os demais estados se encontram pulverizados na pesquisa final, com uma baixa representação e, alguns com nenhuma aparição na pesquisa. Através disso, possibilita argumentar a ideia que foi comentado anteriormente, acerca da baixa concentração de pessoas em uma mesma localidade, o que pode impedir o avanço de pesquisas que fazem uso de testes e experimentos em larga escala com esse determinado público, tornando o acesso difícil e a indução mais complexa ainda. Vale a pena ressaltar que o universo desta pesquisa teve foco no gênero feminino, o que cria ainda mais outro recorte na localização do público estudado pelo trabalho.

Com relação à faixa-etária das respondentes, a doença de Parkinson, abordada e discutida por meio das literaturas pesquisadas, começa a dar seus primeiros sinais no indivíduo especificamente entre os 35 e os 60 anos de idade, como afirma Marteli (2019), no entanto, seus sintomas só se tornam mais agressivos e perceptíveis fisicamente após atingir os 60 anos, como também explica a autora supracitada. Isso vem em consequência da desordem progressiva que faz com que os sintomas sejam intensificados somente com cerca de 10 a 15 anos após o seu início.

Com relação aos conceitos de cada tipo de Parkinson e suas faixas etárias, Pereira *et al.*, (2019) traz que pode ser observada por a) parkinsonismo juvenil, quando acontece antes dos 21 anos, b) parkinsonismo precoce, quando entre 21 e 40 anos e, os demais tipos de Parkinson, distribuídos entre as demais faixas etárias, como o, c) Parkinson com tremor predominante (visto como benigno) e d) Parkinson com instabilidade da postural e distúrbios de marcha (visto como maligno).

Gráfico 2 - Faixa etária das entrevistadas.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Visualizando o gráfico acima, conseguiu-se constatar a predominância da faixa etária de acometidas pela doença de Parkinson no universo do gênero feminino como estando mais localizado na terceira idade, o que indica que essa é a maior fatia de público mercadológico disponível quando se tem em mente o atendimento às necessidades decorrentes do Parkinson por meio de produtos adaptados, resultados que foram consonantes com os achados por Dantas *et al.* (2020), com relação aos homens com Parkinson. Através de pesquisas anteriores, identificou-se que Souza *et al.* (2011, p. 719) comenta que a “prevalência [do Parkinson] em pessoas com idade entre 60 e 69 anos é de 700/100.000 [habitantes], e entre 70 e 79 anos é de 1500/100.000 [habitantes]. No entanto, 10% dos doentes têm menos de 50 anos e 5% têm menos de 40 anos”.

Ainda, vale a pena ressaltar que não foi encontrado nenhum indivíduo que indique ser acometido por Parkinson atualmente como dentro da definição de juvenil - mesmo que uma das mulheres, exposto mais à frente na pesquisa de respostas abertas e subjetivas, indique ter sido acometida pela doença por volta dos 15 anos de idade -, no entanto, partindo de 31 a 40 anos compreendeu a menor faixa etária encontrada no universo das voluntárias, caracterizando-se, portanto, como resultado do conceito de Parkinson precoce, assim como trazido por Massano (2011).

No que tange às perguntas de caráter aberto e subjetivo, deixou-se as respondentes livres para optar em responder ou não os questionamentos colocados, assim como desenvolver sua réplica no padrão que se sentissem mais confortáveis. Nessa perspectiva, das 40 respondentes que compunham as voluntárias, 5 decidiram se abster da primeira questão em aberto, em que discutia de que maneira os sintomas da doença impactam na rotina das acometidas por Parkinson. Para entender esse impacto, é importante entender de qual estágio parte essa doença no período de resposta dessa pesquisa, por isso, pediu também para as respondentes explicar quando surgiram os primeiros sintomas, nesse universo, apenas 1 pessoa decidiu abdicar de responder esse questionamento. Finalmente, optou-se por sistematizar os relatos seguindo os parâmetros de homogeneização de idade das acometidas, de modo a perceber as diferenças e convergências etárias. No Quadro 1 a seguir, estão transcritos fielmente as respostas identificadas.

Quadro 1 - Respostas abertas do questionário.

Como os sintomas do Parkinson afeta sua rotina?		Quando surgiram os primeiros sintomas?
Entrevistadas	Respostas	Respostas
En1 (mais de 71 anos)	<i>“Tive que mudar todo o meu de realizar minhas atividades.”</i>	<i>“Há mais de oito anos.”</i>
En2 (mais de 71 anos)	<i>“Dificuldade para andar.”</i>	<i>“Há um ano”</i>
En3 (mais de 71 anos)	<i>“Dificuldade para locomoção e atividades vida diária. Tudo com muita lentidão.”</i>	<i>“Há 15 anos”</i>
En4 (mais de 71 anos)	<i>“Em tudo”</i>	<i>“Mais ou menos 6 anos”</i>
En5 (mais de 71 anos)	<i>“Com dificuldade/lentidão para as tarefas rotineiras, inclusive me vestir.”</i>	<i>“Há 7 anos”</i>
En6 (mais de 71 anos)	<i>“Sinto que estou evitando atividades sociais”</i>	<i>“Há 5 anos”</i>
En7 (mais de 71 anos)	<i>“Andar”</i>	<i>“Em 2002”</i>
En8 (mais de 71 anos)	-	-
En9 (mais de 71 anos)	<i>“Não consigo ser independente: cozinhar, arrumar a casa, tomar banho....”</i>	<i>“Há mais ou menos 8 anos atrás”</i>
En10 (61 a 70 anos)	<i>“Totalmente dependente, às vezes ando; maia fico a maior parte do tempo sentada ou deitada pois não tenho mais equilíbrio. Dificuldade para alimentar e muitos remédios e alucinação”</i>	<i>“18 a 20 anos”</i>
En11 (61 a 70 anos)	<i>“Demoro muito para me arrumar”</i>	<i>“Há 8 anos”</i>
En12 (61 a 70 anos)	<i>“Falta de mobilidade e muitas dores que impedem a execução das tarefas diárias.”</i>	<i>“A uns 10 anos, mas só fui diagnosticada há dois anos.”</i>
En13 (61 a 70 anos)	<i>“Por enquanto, baixo impacto.”</i>	<i>“Há 5 anos”</i>

En14 (61 a 70 anos)	-	"Há 9 anos"
En15 (61 a 70 anos)	<i>"Me limita bastante, evito muitas vezes sair ou viajar pelo cansaço e pelo que pode frustrar quem sai comigo, pois não correspondo a expectativa do mesmo."</i>	"Há 7 anos"
En16 (61 a 70 anos)	<i>"Tiram minha autonomia."</i>	"Com 50 anos"
En17 (61 a 70 anos)	<i>"A cabeça afetou a 4 anos atrás e os movimentos tb"</i>	"Há mais de 10 anos"
En18 (61 a 70 anos)	<i>"Muito pouco"</i>	"Meses"
En19 (61 a 70 anos)	<i>"Atrapalhou caminhar e costurar (meu ofício), também passei a ser mais caseira."</i>	"Com 59 anos"
En20 (51 a 60 anos)	<i>"Há dias melhores, outros não. Aprender a conviver com algumas limitações foi difícil, mas eu vou me readaptando a cada dia."</i>	"1998, diagnóstico correto em 2002"
En21 (51 a 60 anos)	<i>"Muito. Tenho dificuldades em várias situações."</i>	"2016"
En22 (51 a 60 anos)	<i>"Fiquei destroçada. Dirijo 120 kms por dia e de repente, não conseguia dirigir. Minha memória sempre excelente, de repente...trocava o nome das coisas...câimbras...dores...incompreensão da família...muito frustrante. Meu neuro não acreditou no resultado dos exames. 53 anos, plena, saudável e apresentando todos os sintomas repentinamente"</i>	"2 anos atrás"
En23 (51 a 60 anos)	-	"Mais ou menos em 2009"
En24 (51 a 60 anos)	<i>"Em nada"</i>	"Em outubro de 2019"
En25 (51 a 60 anos)	<i>"Muito, eu era corredora e o Pk começou nos dedos do pé esquerdo (discinesia)!"</i>	"Agosto de 2018"
En26 (51 a 60 anos)	<i>"Muito difícil o diagnóstico veio tardio já com a doença está bem adiantada"</i>	"Há 3 anos"

En27 (51 a 60 anos)	-	“2012”
En28 (51 a 60 anos)	“Todos percebiam, menos eu”	“Antes dos cinquenta anos”
En29 (51 a 60 anos)	“Dificuldades nos movimentos”	“Aos 46 anos”
En30 (51 a 60 anos)	“No início tem pouco impacto É mas é verdade de eu ter o braço parado e as pessoas ficarem perguntando por quê não balanço braço a andar”	“2002”
En31 (51 a 60 anos)	“Dificuldade em vestir uma roupa, cuidar de uma casa, caminhar, lavar louça, cortar legumes etc	“Eu tinha dificuldade em andar, tremia, sem olfato, sem paladar”
En32 (51 a 60 anos)	“Em tudo”	“Aos 45 anos”
En33 (41 a 50 anos)	“Muito hoje já estou aposentada”	“Perder a força no braço esquerdo”
En34 (41 a 50 anos)	“Em tudo.”	“Em 2006”
En35 (41 a 50 anos)	“Rotina normal”	“Aos 26 anos”
En36 (41 a 50 anos)	“Baixo auto estima falar se vestir comer etc.”	“Ainda na adolescência aos 15 anos”
En37 (41 a 50 anos)	“Mudou totalmente... parei de trabalhar... hoje, com apenas 43 anos ã vou a lugar algum sozinha”	“Surgiram em 2007. Logo após uma cesárea ... gravidez complicada ...”
En38 (41 a 50 anos)	“Minha voz ficou muito fraca e eu caio muita”	“Quando tinha ,50 anos”
En39 (31 a 40 anos)	“Trouxe mais lentidão e requer mais paciência e tempo.”	“Há 3 anos”
En40 (31 a 40 anos)	-	“Há uns 3 anos”

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em síntese, percebeu-se através do quadro que, apesar de haver relatos sobre pessoas que não tem sua rotina afetada de maneira direta e expressiva (tal como as En24 e En35), estas, por sua vez, não representam uma grande quantidade e, assim, não são passíveis de

serem informações generalizadas positivamente. À proporção, observa-se que em parte esses relatos também são constituídos por pessoas que foram acometidas pela doença há uma baixa quantidade de tempo, não tendo seus sintomas se desenvolvido em demasia e, por consequência, sua rotina não tendo se alterado no nível das demais.

Em contrapartida, o que se percebe é o desenvolvimento de dependência motora (En9, En10, En16, En31), assim como uma adaptação obrigatória e difícil por parte das acometidas com as formas com que se desenvolve suas atividades e lida com seu desempenho rotineiro, não podendo trabalhar da mesma forma ou sequer trabalhar, estudar, dirigir e, em algumas vezes, executar atividades domésticas básicas. Resultantes de distúrbios parkinsonianos de caráter cognitivo e neurológico já identificados em pesquisas passadas. O impacto do Parkinson são relativos ao corpo de cada indivíduo, com alguns sintomas específicos podendo ser desenvolvido de maneira mais severa do que em outros, o que demonstra uma multifatorialidade e a necessidade de se estudar as barreiras e necessidades transpassadas por esse grupo de pessoas nas etapas de planejamento de produto.

A partir disso, entra-se na discussão sobre o fato de que dentre as características mais marcantes na doença de Parkinson, a alteração nas atividades motoras dos acometidos é vista como a mais severa, decorrente das mudanças que acarreta no dia a dia das pessoas. Assim, esse potencial de realização de atividades diárias é o que, por vezes, dando sentido à existência de algumas pessoas. O Parkinson, no que lhe concerne, coloca o indivíduo à prova diante de determinadas situações que não podem ser mecanicamente completadas, fazendo-os se questionar, tal como questionar sua existência, a exemplos, podem ser citados se levantar de uma cama, pentear seu próprio cabelo ou até mesmo se enxugar após sair do banho (Navarro-Peternella e Marcon, 2010; Tomo *et al.*, 2014)

Em suas relações com produtos de moda não se observa essa realidade como diferente, no entanto, pode-se, inclusive, ser potencializado negativamente, à proporção que exige atividades motoras como desabotoar ou abotoar uma camisa, amarrar um sapato, relacionar-se com zíperes aplicados em produtos ou, até mesmo os atos de vestir e desvestir roupas em que os movimentos necessários não poderão ser efetivamente executados (Marteli *et al.*, 2019; Dantas *et al.*, 2020).

Löblich (2001, p. 58) trata as funções práticas dos produtos industriais como “todas as relações entre um produto e seus usuários que se situam no nível orgânico-corporal, isto é, fisiológicos”. Com isso em mente, buscou-se entender, por meio da condução das próximas questões, como mulheres com Parkinson enxergam essas dificuldades através de quatro principais variáveis aplicadas aos produtos de moda: sua vestibilidade, a ação de uso, o ato de

retirada da peça e a relação com a possibilidade de sujar o artefato que está sendo usado devido aos tremores (Figura 1).

Figura 1 - Dificuldades enfrentadas por mulheres com Parkinson em produtos de moda²



Fonte: Elaborado pelos autores e comparado com os dados de Dantas *et al.* (2020).

Na figura acima é importante perceber a relação média de dificuldade enfrentada por mulheres com Parkinson quando relacionado a cada uma das categorias delimitadas: vestibilidade, usabilidade, retirada e possibilidade de sujar, identificando em quais universos as respondentes indicam apresentar um maior grau de dificuldade, tornando passível de se transformar em um problema de design que pode ser resolvido através de artefatos centrados no usuário. Ainda, para efeitos de comparação, buscou-se criar uma visão de confronto, logo abaixo, ainda na Figura 1, com o público masculino, anteriormente delimitado no trabalho de Dantas *et al.* (2020), para entender como essa percepção é mutável através dos gêneros.

As possibilidades que envolvem o processo de vestibilidade de um produto se relaciona intimamente com os artefatos de vestuário, pois demanda do usuário um gasto

² DP = desvio-padrão.

energético que se refere à maneira com que a peça vai se comportar no momento em que se está a vestindo. Nesse contexto, o processo de vestir pode dizer respeito primordialmente com a forma e a configuração visual do artefato que, por sua vez, indica a maneira de uso do produto ou simplesmente com o quão complexo de compreensão são as informações de uso promovidas pelos aviamentos utilizados na peça, tal qual zíperes, velcros e botões (Amaral, 2017).

Nesse sentido, como resultado, a média obtida de dificuldade desse tópico foi cerca de 2,40, como visto na figura mencionada anteriormente, compreendeu a mesma média obtida nas pesquisas de Dantas *et al.* (2020) quando questionado a dificuldade no ato de vestir pela perspectiva dos homens com Parkinson. Com relação às médias específicas de cada uma das faixas etárias, encontrou-se uma predominância maior no grupo de 31 a 40 anos de idade, com média de 3,00, à proporção que em seguida veio o grupo de mulheres com mais de 71 anos (2,67), 41 a 50 anos (2,50), em seguida veio 51 a 60 anos de idade (2,38) e, por fim, 61 a 70 anos (2,00). Marteli *et al.* (2019) traz que o ato de vestir é mais complicado para pessoas com Parkinson, principalmente quando relacionado à necessidade de execução de tarefas duplas em um mesmo momento.

Em seguida veio o tópico de uso que compreende especificamente a interação que ocorre entre o utilizador e o produto em questão durante o ato, ou seja, diz respeito a essa facilidade que deve acontecer quando se está utilizando o artefato, assim como ao conforto que é fornecido, tanto físico, quanto fisiológico e psicológico, à proporção que todos devem estar em conformidade em busca de ofertar ao seu usuário uma experiência positiva (Iida, 2005).

Nesse sentido, identificou-se a média mais baixa de dificuldade como sendo a do uso (2,08), através desses dados pode-se chegar à conclusão de que as mulheres com Parkinson acreditam não serem tão complicados de fazer uso dos produtos de moda. Em contrapartida, a média dos homens, trazida em Dantas *et al.* (2020), mostrou-se parcialmente superior, com cerca de 2,20, o que demonstra que os produtos de moda disponíveis possam se adaptar mais facilmente ao que as mulheres querem durante o uso do que os homens. Sobre as faixas etárias, nesse tópico, o grupo que sentiu maior dificuldade foram os de 41 a 50 anos de idade (2,50), seguido de perto pelo grupo de mais de 71 anos (2,44), mais à frente, com uma menor média, apareceram os de 31 a 40 anos (2,00), por fim, 51 a 60 anos (1,85) e 61 a 70 (1,80).

No que tange às discussões sobre o penúltimo tópico, este buscou abordar a dificuldade existente em retirar as peças de moda, especificamente de vestuário, justamente pelo contato direto com os fechamentos que exigem atos motores de maior complexidade

(Figura 2), repetitivos e que por isso exigem do usuário maior gasto energético, por vezes demandando auxílio de terceiros para conclusão do ato (Neves, Marteli e Paschoarelli, 2018).

Figura 2 - Zíperes, botões e velcros em roupas.



Fonte: Neves, Marteli e Paschoarelli (2018).

Portanto, identificou-se e confirmou-se essa qualidade enquanto a que engloba um maior nível de dificuldade na vida dos acometidos, com média de 2,50, também aparecendo como a maior média na pesquisa desenvolvida com homens, com média de 2,45. Sobre os grupos etários, o mais afetado são as pessoas de mais de 71 anos de idade (2,78), seguido pela 51 a 60 anos (2,62), após 41 a 50 anos (2,33), então 61 a 70 anos (2,20) e, por último, as respondentes de 31 a 40 anos (1,50).

Acerca do último tópico dentro da questão que discute as funções práticas selecionadas, entende-se que os tremores são uma realidade costumeira enfrentada, nesse sentido, ao ir para locais públicos, ou até mesmo em suas residências, esses tremores podem causar incômodo ao derramar comida ou líquido em suas roupas. Assim, buscou-se identificar como é enfrentada essa dificuldade sob suas perspectivas. Chegou-se à média de 2,18, ao lado do uso, como um dos menores, no mesmo sentido dos homens com Parkinson, abordado por Dantas *et al.* (2020), como o menor de todos (1,90). Em sentido das faixas etárias, as mulheres de mais de 71 anos e idade são as que mais sofrem com essa dificuldade, com média de 2,56, seguido por 61 a 70 anos (2,30), 41 a 50 anos (2,17), 51 a 60 anos (1,92) e, por fim, os indivíduos categorizados como de Parkinson precoce, 31 a 40 anos, com média de cerca de 1,50.

Em seguida, compreende-se que os produtos de moda carregam aspectos que os diferenciam entre si, seja por alguns possuir o estado de conforto em um nível maior ou, por ter como objetivo oferecer qualidades estéticas e satisfação psicológica e de consumo para aqueles que lhe usarem.

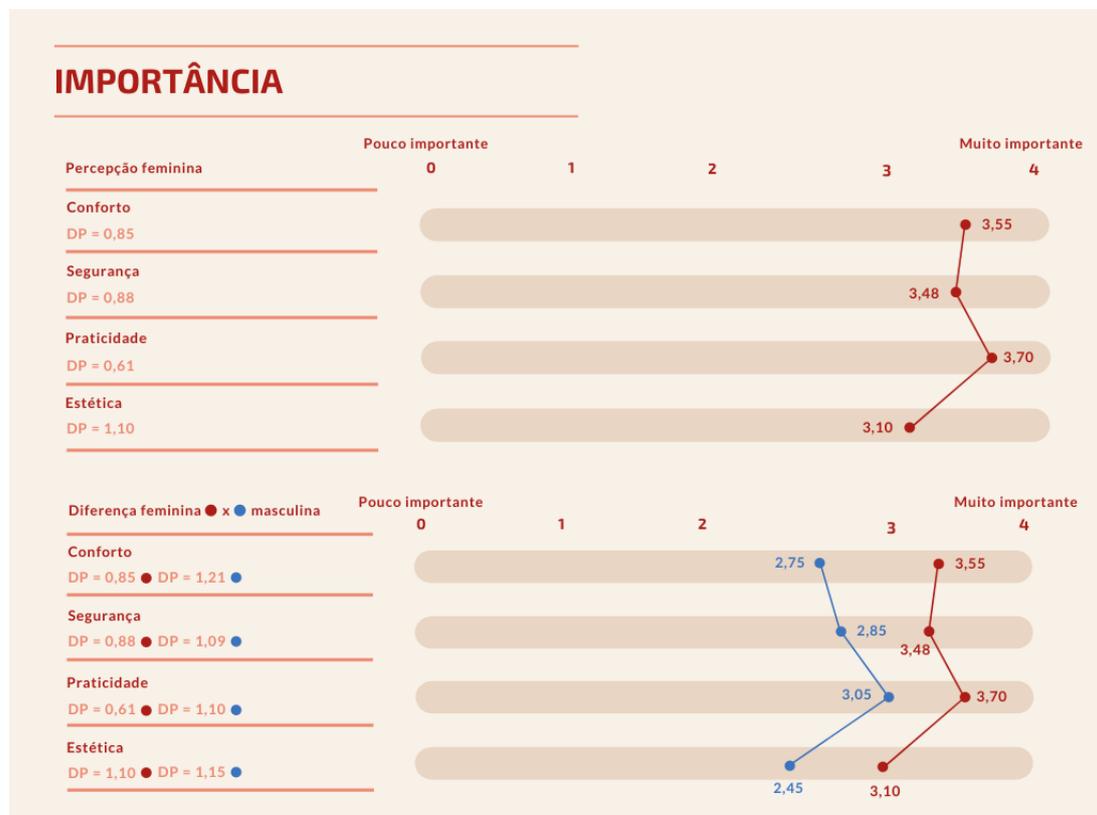
Caso o designer, no seu trabalho, tivesse acesso a dados mais objetivos sobre as necessidades estéticas e simbólicas do futuro usuário, ou se tivesse a oportunidade de investigá-las diretamente, por meio de entrevistas ou testes, poderia então estabelecer os aspectos estéticos dos produtos segundo critérios racionais. Assim, os riscos no

lançamento de novos produtos poderiam ser consideravelmente reduzidos (Löbach, 2001, p. 56).

Pensando dessa maneira, buscou-se, na próxima e última questão objetiva de percepção das usuárias-consumidoras, categorizar e identificar quais as projeções de valor que mulheres com Parkinson consideram serem mais relevantes quando em se tratando de produtos de moda. Baseou-se, então, na fala desenvolvida por Löbach (2001, p. 186), à medida que expressa que “deve-se conhecer as preferências estéticas dos futuros usuários dos produtos. [...] Os resultados deste estudo podem ser utilizados durante o projeto como valores prescritos, sendo um dos fatores determinantes na configuração do produto.”

Assim, determinou-se quatro perspectivas centrais de orientação para questionamento primário às mulheres com Parkinson, a ver: conforto, segurança, praticidade e estética, aspectos que serão destituídas e comentadas uma a uma mais à frente. A Figura 3, a seguir, expõe o resultado obtido a partir deste tópico.

Figura 3 - Nível de importância projetado por mulheres com Parkinson em produtos de moda³



Fonte: Elaborado pelos autores e comparado com os dados de Dantas *et al.* (2020).

³ DP = desvio-padrão.

Na figura anterior é relevante notar a interação entre os dados de projeção de importância das mulheres com Parkinson, visto que pode ser percebido quais pontos esse grupo de mulheres mais valorizam, servindo como embasamento para projetos de produto. Ainda, é feito novamente um comparativo com a mesma visão, porém focada em homens com Parkinson, delimitado por Dantas *et al.* (2020).

O conforto é um tópico do planejamento ergonômico que pode ser observado e dividido através de três: físico, fisiológico e psicológico, à medida que todos devem atender satisfatoriamente às necessidades explicitadas pelos usuários, podendo ser discernido através de suas consequentes subdivisões. Trazendo de forma mais específica, o conforto a) físico compreende a interação que ocorre entre o usuário e o produto, o contato imediato e direto, à proporção que b) fisiológico se relaciona com os aspectos térmicos que o produto possa fornecer, seja em roupas direcionadas ao frio ou ao calor, por fim, o psicológico compreende a satisfação do usuário para com o produto no ambiente que se insere, podendo ser tratado pela estética adequada, pela configuração simbólica, assim como o meio cultural (Iida, 2005).

Desde que o conjunto de questões tratadas aqui nessa pesquisa já compreendem um número extensivo, decidiu-se não se ater a discutir especificamente as subdivisões dessas três categorias do conforto, no entanto, vale a pena enfatizar que os demais tópicos que virão a seguir podem vir a se enquadrar dentro de certo nível e ponto de vista em algumas dessas categorias, o que indiretamente abordará essas discussões, inter-relacionando-as.

Essa qualidade foi a segunda com maior média entre as mulheres com Parkinson, com cerca de 3,55, o que demonstra um alto grau de importância. Assim, percebeu também um alto grau de diferença desse resultado para com os homens com Parkinson, como trazido por Dantas *et al.* (2020), visto que seu resultado compreendeu simplesmente 2,75. Pode-se adiantar as discussões de que se percebeu um valor muito mais alto de projeção de importância dessas qualidades por mulheres com Parkinson do que por homens. O que evidencia, por sua vez, uma percepção e uma necessidade mais acuradas e desperta por esse primeiro grupo de respondentes mencionados.

Destituindo esse resultado por grupos etários, compreendeu-se essa qualidade mais relevante para o grupo de 31 a 40 anos de idade (4,00), seguido por 61 a 70 anos (3,78), posteriormente empatados veio os grupos de pessoas com mais de 71 anos e 51 a 60 anos, com média de cerca de 3,67 cada, e, por fim, os indivíduos de 41 a 50 anos, com média de 3,33.

No que se refere às qualidades de segurança, compreende o uso confiável do artefato, principalmente relacionado às partes práticas que devem fornecer a sensação de garantia e autoconfiança para o usuário em todas as situações possível, diminuindo medos e

inseguranças (Gomes Filho, 2010). Como resultado, identificou que não é uma das principais projeções de importâncias se comparada com as demais, com cerca de 3,48 de média, mas ainda sendo alta se visto de maneira separada, à medida que dos homens disse respeito à 2,85 de média (Dantas *et al.*, 2020). A faixa etária que classificou a maior importância foi de 31 a 40 anos de idade, com 4,00 de média, seguido por pessoas com mais de 71 anos (3,78), 61 a 70 anos (3,70), 51 a 60 anos (3,50) e, com um grau expressivo de diferença, as pessoas de 41 a 50 anos, resultando em 2,17 de média.

Em seguida, discutiu-se os aspectos de praticidade, mesmo que já conceituado anteriormente, vale a pena resgatar que as funções práticas dos produtos dizem respeito à interação corporal do usuário com o artefato, em um nível que compreende a fisiologia do corpo humano. Isto é, na praticidade, busca-se elucidar os auxílios físicos que os produtos podem fornecer, Löbach (2001, p. 58) complementa explicando que “as funções práticas dos produtos preenchem as condições fundamentais para a sobrevivência do homem e mantêm a sua saúde física”.

A praticidade, no que lhe concerne, comportou a qualidade que representou um maior nível de importância para as entrevistadas, à medida que sua média girou em torno de 3,70, o mesmo acontecendo no universo do grupo dos homens com Parkinson, com 3,05 de média, nesse contexto, a maior média (Dantas *et al.*, 2020). Pode-se tratar esse resultado como consequência da necessidade reconhecida de artefatos que tenham configurações práticas com o objetivo de facilitar o dia a dia dessas pessoas. Acerca das idades, a que considerou a praticidade mais importante foram as pessoas de 31 a 40 anos, com 4,00 de média, seguido por 61 a 70 anos (3,90), seguido de perto por mais de 71 anos (3,89), então 51 a 60 anos (3,54) e, por fim, as pessoas de 41 a 50 anos, com 3,17 de média.

Por último, buscou-se entender o aspecto referente à estética, o que Löbach (2001, p. 59-60) determina que “a função estética dos produtos é um aspecto psicológico da percepção sensorial durante o uso”, o que o autor ainda complementa que em pesquisas sobre produtos industriais, essa necessidade acaba sendo desprezada, quando em relação aos aspectos práticos, no entanto, sendo tão importante quanto, pois fornece conforto psicológico e social aos usuários.

Nesse sentido, o resultado dessa pesquisa demonstrou um baixo interesse das respondentes para com esse aspecto, sendo a menor média encontrada, com 3,10, resultado que também se perpetuou no universo da pesquisa de homens com Parkinson, com uma média bem abaixo de diferença, compreendendo 2,45. Assim, pode-se tratar que por vezes as necessidades estéticas são colocadas para baixo em paralelo à busca constante por produtos

com necessidades práticas que sejam efetivas. Em se tratando dos grupos etários, o que projetou maior importância foram os de 31 a 40 anos de idade (3,50), uma queda se comparada aos anteriores que vinham se mantendo no máximo, seguido por pessoas de mais de 71 anos (3,22), 61 a 70 anos (3,20), posteriormente vieram 51 a 60 anos (2,77) e, 41 a 50 anos, com 2,50.

Os tremores são um dos mais característicos e conhecidos sintomas da doença de Parkinson, causando desconforto, evasão social e a potencialização do sentimento sensorial de isolamento. Esse foco maior é trazido com relação à dificuldade motora que é enfrentada por consequência desse sintoma com referência à sua interação com os aviamentos e produtos de armarinho dos artefatos de vestuário ao vestir e retirar peças, como já mencionado, elucidado e discutido por Neves, Marteli e Paschoarelli (2018), buscou-se determinar, pela percepção das usuárias, quais seriam os melhores fechos a serem usados nessas roupas. Assim, o Quadro 2 apresentado a seguir expõe a percepção subjetiva dessa questão, através de uma pergunta aberta.

Quadro 2 - Respostas abertas do questionário

Qual seria a melhor forma de fechar uma roupa tendo em vista os tremores característicos da doença?	
Entrevistadas	Respostas
En1 (mais de 71 anos)	<i>“Velcro ou zíper”</i>
En2 (mais de 71 anos)	<i>“Com zíper ou adesivo”</i>
En3 (mais de 71 anos)	<i>“Botões grandes, velcro, zíper. Blusas sempre com abertura na frente, calças com elástico contornando a cintura ou na parte de trás.”</i>
En4 (mais de 71 anos)	<i>“Velcro”</i>
En5 (mais de 71 anos)	<i>“Zíper”</i>
En6 (mais de 71 anos)	<i>“Quanto mais simples melhor”</i>
En7 (mais de 71 anos)	<i>“Com velcro”</i>
En8 (mais de 71 anos)	-
En9 (mais de 71 anos)	<i>“Zíper”</i>
En10 (61 a 70 anos)	<i>“As aberturas devem ser frontais”</i>
En11 (61 a 70 anos)	<i>“Zíper”</i>

En12 (61 a 70 anos)	-
En13 (61 a 70 anos)	<i>“Não tenho tremores”</i>
En14 (61 a 70 anos)	<i>“Com zíper, ou com elástico, só de enfiar”</i>
En15 (61 a 70 anos)	<i>“Compro roupas mais leves e de fácil colocação”</i>
En16 (61 a 70 anos)	<i>“Velcro”</i>
En17 (61 a 70 anos)	<i>“Velcro”</i>
En18 (61 a 70 anos)	<i>“Blusas abertas mais os botões poderiam ser substituídos. Quanto às calças a dificuldade pra vestir e muito grande, jeans impossível, roupas se amarrar ou elástico. E para pessoas acamadas é mais complicado ainda.”</i>
En19 (61 a 70 anos)	<i>“Zíper”</i>
En20 (51 a 60 anos)	<i>“Velcro é muito feio, botões são difíceis de usar, penso em zíper, que funcione e não emperre. Em calças, elastico talvez. Velcro em sapatos, tudo bem...”</i>
En21 (51 a 60 anos)	<i>“Um velcro bem firme”</i>
En22 (51 a 60 anos)	<i>“Roupas confortáveis sem zíperes ou botões. Uso vestidos com 2 tamanhos acima do meu. Tenho dificuldades em abotoar sapatos, usar salto...É algo que me entristece. Gosto de roupas coloridas mas devido ao tamanho (48/50) uso o que encontro e não o que gostaria de usar. Devido ao inchaço nos pés, acabo usando sapatos abertos que não são elegantes...pareço uma idosa em férias no asilo. Tenho só 54 anos. É muito humilhante”</i>
En23 (51 a 60 anos)	-
En24 (51 a 60 anos)	<i>“Não me atrapalha ainda”</i>
En25 (51 a 60 anos)	<i>“Zíper”</i>
En26 (51 a 60 anos)	<i>“Zíper”</i>
En27 (51 a 60 anos)	<i>“Botões costurados com elástico ou utilizar velcro.”</i>
En28 (51 a 60 anos)	<i>“Zíper”</i>
En29 (51 a 60 anos)	<i>“Zíper, velcro”</i>
En30 (51 a 60 anos)	<i>“Eu não tenho tremor eu tenho dificuldade de iniciar o movimento e por isso é difícil de tanto vestir quando tirar a roupa como sua costureira facilita um mas gostaria se você tiver uma ideia para me ajudar”</i>
En31 (51 a 60 anos)	<i>“Eu prefiro vestido sem botão, e sem Zíper, o tecido de malha porque</i>

	<i>facilita para mim”</i>
En32 (51 a 60 anos)	<i>“Roupas com facilidades e tecidos maleáveis”</i>
En33 (41 a 50 anos)	<i>“Topo velcro principalmente botão e zíper das calças”</i>
En34 (41 a 50 anos)	<i>“Zíper”</i>
En35 (41 a 50 anos)	<i>“Na frente”</i>
En36 (41 a 50 anos)	<i>“adaptações de zíperes com alças removíveis para fechar. botões flexíveis”</i>
En37 (41 a 50 anos)	<i>“Com velcro talvez... botões e abstrações são extremamente complicados”</i>
En38 (41 a 50 anos)	<i>“Não tenho tremores”</i>
En39 (31 a 40 anos)	<i>“Acho que depende do lado afetado ou mais afetado pela doença. Mas acredito que talvez seja na parte frontal”</i>
En40 (31 a 40 anos)	<i>“Acho que sem zíper por exemplo”</i>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Surpreendentemente, o zíper foi um dos aviamentos mais mencionados, enxergando de maneira geral, contrário às pesquisas desenvolvidas com homens com Parkinson, onde o velcro apareceu majoritariamente exponente, acontecendo, obviamente, essa variação à mercê do produto produzido, justamente por ser de mais fácil manipulação manual e independente, apesar de ser pouco dotado de apelo estético. Sobre isso, Marteli e Paschoarelli (2019) desenvolveram um trabalho laboratorial com 40 pessoas com Parkinson, experimentando sua interação com os possíveis fechamentos de produtos de vestuário.

As variáveis de força não influenciam o desempenho de manipulação de aviamentos de fecho e que os efeitos da DP (Doença de Parkinson) interferem na má execução da atividade coordenada, comprometendo a completude. Também foi constatado que a diminuição do desempenho em manipular aviamentos de fecho e os desenhos dos artefatos influenciam negativamente a usabilidade em fechar e abrir botões e zíperes destacáveis (Marteli e Paschoarelli, 2019, p. 57).

Assim, é ressaltado a importância industrial de se atentar aos fechos que se está utilizando, buscando prover um material de qualidade e que consiga transpassar testes de usabilidade facilmente por pessoas que são acometidas por doenças que têm consequências motoras, facilitando suas vidas e garantindo um bem-estar.

5. Considerações Finais

A doença de Parkinson é uma condição degenerativa que acarreta uma série de sintomas neurológicos, motores, cognitivos e comportamentais, dessa maneira, exigindo uma adaptação momentânea por parte do seu acometido, no que tange todos quase todos os aspectos de sua rotina. Dessa forma, para esquematizar produtos que sejam mais efetivos para essa população, promovendo independência e sociabilidade, faz-se necessário entender suas percepções e aspirações para posterior aplicação dentro das etapas de planejamento e desenvolvimento de produtos. Com isso, buscou-se compreender como se comportam essas percepções em um grupo de 40 mulheres acometidas por Parkinson, através da condução de uma entrevista estruturada, com metodologia baseada no *Parkinson's Disease Questionnaire – 39*, em que se dividia em quatro etapas: percepção sobre a doença e suas rotinas, dificuldades enfrentadas em produtos, projeção de importância e, melhores aplicações de fechos.

Através disso, chegou-se à compreensão de que a doença afeta a rotina das acometidas, impedindo-as de realizar atividades motoras que, por sua vez, fazem parte de sua jornada diária de realizações, seja de atividades domésticas a viagens e trabalhos que sejam feitos em escritórios. Em qualquer universo, percebe-se que há uma exigência adaptativa. Portanto, com relação às principais dificuldades enfrentadas em produtos de moda, especificamente vestuário, enxergou-se que as proeminentes foram referentes ao ato de vestir e desvestir, atividades motoras que exigem contato direto com aviamentos aplicados nos produtos, tais como botões, zíperes e velcros, tornando-se empecilho nessa completude.

Os maiores níveis de projeções de valor nesses produtos tratam-se de praticidade e conforto, provavelmente em decorrência do incômodo gerado pelo uso constante de produtos que não são planejados para seus corpos. De maneira contrário aos homens com Parkinson, que indicaram o velcro, o grupo de mulheres sugeriram mais amplamente os fechos com zíperes, no entanto, que sejam redesenhados previamente para não quebrar, emperrar ou produzir qualquer sensação de mal-estar na usuária.

Por fim, entende-se os objetivos do trabalho como satisfatoriamente atendidos, visto que através da metodologia aplicada foi possível determinar, constatar, corroborar e comparar percepções de mulheres e homens com Parkinson acerca de suas projeções de dificuldade e qualidades de importância em produtos de moda. Assim, para pesquisas futuras, faz-se necessário se aprofundar tanto no desenvolvimento prático de produtos de moda planejados para esse público, como na compreensão detalhada das dimensões sintáticas, semânticas e pragmáticas dos produtos de design e moda, ao mesmo tempo que das funções práticas,

estéticas e simbólicas quando relacionadas ao público-consumidor, possivelmente de maneira física através do contato direto com o produto, isto é, identificando sua interação significativa.

Referências

Amaral, D. M. D. G. (2017). *Parâmetros antropométricos para o design do sutiã na perspectiva da vestibilidade*. Monografia de Bacharelado, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, Pernambuco, PE, Brasil.

Baxter, M. (2011). *Projeto de produto: guia prático para o design de novos produtos*. 3rd. ed. São Paulo, BR: Blucher.

Camarano, A. A., & Kanso, S. (2013). Envelhecimento da População Brasileira: Uma Contribuição Demográfica. In: Freitas, E. V. et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 3. ed. Brasil: Rio de Janeiro, 134-137.

Dantas, I. J. M., Santos, J. R. S., Silva, V. C., & Melo, A. J. L. (2020). Homens com Parkinson: pesquisa de percepção em produtos de moda com foco no design centrado no humano. *Revista Pensar Acadêmico*, 18 (1), 150-171.

Ferreira, J. M., Hammerschmidt, K. S. A., Siewert, J. S., Alvarez, A. M., Locks, M. O. H., & Heidemann, I. T. S. B. (2019). Gerontotechnology for fall prevention of the elderly with Parkinson. *Rev. Bras. Enferm.*, 72 (2), 243-250.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo, BR: Editora Atlas.

Gomes Filho, J. (2010). *Ergonomia do objeto: sistema técnico de leitura ergonômica*. 2. ed. São Paulo, BR: Escrituras Editora.

Gonçalves, G. B., Leite, M. A. A., & Pereira, J. S. (2011). Influência das distintas modalidades de reabilitação sobre as disfunções motoras decorrentes da Doença de Parkinson. *Rev. Bras. Neurol.*, 47 (2), 22-30.

Guedes, M. J. N., Santos, J. R. S., Soares, L. M. M. M., Pereira, E. F., Daltro, M. C. L., & Munguba, T. A. (2017). Avaliação na funcionalidade de uma idosa praticante do método Pilates. *Interscientia*, 5 (1), 27-46.

IBGE. (2019). *Idosos indicam caminhos para uma melhor idade*. Acesso em 14 de julho de 2020, disponível em: censo2020.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade.html.

Iida, I. (2005). *Ergonomia: Projeto de Produto e Produção*. 2. ed. São Paulo: Edgard Blucher.

Lana, R. C., Álvares, L. M. R. S., Nasciutti-Prudente, C., Goulart, F. R. P., Teixeira-Salmela, L. F., & Cardoso, F. E. (2017). Percepção da Qualidade de Vida de Indivíduos com Doença de Parkinson Através do PDQ-39. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, 11 (5), 397-402.

Löbach, B. (2001). *Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais*. São Paulo, BR: Edgard Blucher

Marteli, L. N. (2019). *Pessoa idosa com doença de Parkinson e a relação da usabilidade na interação com aviamentos de fechos presentes no vestuário*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo, SP, Brasil.

Marteli, L. N., & Paschoarelli, L. C. (2019). Pessoa idosa com doença de Parkinson e a relação da usabilidade na interação com aviamentos de fechos presentes no vestuário. *Geriatr. Gerontol. Aging.*, 13 (1), 57-58.

Marteli, L. N., Neves, E. P. D., Medola, F. O., & Paschoarelli, L. C. (2019). Considerations on the advances in studies on clothing products development for older adults with Parkinson's disease. *MOJ Gerontol Ger.*, 4 (5), 151-153.

Massano, J. (2011). Doença de Parkinson. *Acta Médica Portuguesa*, 24 (4), 827-834.

Monteiro, D., Silva, L. P., Sá, P. O., Oliveira, A. L. R., Coriolano, M. G. W. S., & Lins, O. G. (2018). Prática mental após fisioterapia mantém mobilidade funcional de pessoas com doença de Parkinson. *Fisioter. Pesqui.*, 25 (1), 65-73.

Muratovsky, G. (2016). *Research for Designers: a guide to methods and practice*. Londres, UK: Sage Publications.

Navarro-Peternella, F. M., Marcon, S. S. (2010). A convivência com a doença de Parkinson na perspectiva do parkinsoniano e seus familiares. *Rev. Gaúcha Enferm.*, 31 (3), 415-422.

Navarro-Peternella, F. M., & Marcon, S. S. (2012). Qualidade de vida de indivíduos com Parkinson e sua relação com tempo de evolução e gravidade da doença. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 20 (2), 1-8.

Neves, E. P., Marteli L. N., & Paschoarelli L. C. (2018). Elderly and Clothing: Considerations about Handling Trimmings. *Current Trends in Fashion Technology & Textile Engineering*, 2 (1), 555579.

Pagnan, A. S., Simplício, G. C., Santos, V. C., & Rezende, E. J. C. (2019). Design Centrado no Usuário e seus princípios éticos norteadores no ensino do design. *Estudos em Design*, 27 (1), 131-137.

Parkinson, J. (1887). *An Essay on the Shaking Palsy*. Londres, UK: Whittingham and Rowland.

Pereira, M. D., Pereira, M. D., Silva, G. G. I., & Santana M. F. (2019). Psicofarmacologia da doença de Parkinson: uma visão multidisciplinar. *Psicologia.pt*, 1, 1-5.

Rodrigues, C. T., & Silva, J. A. (2010). *Avaliação da Qualidade de Vida em Pacientes com Doença de Parkinson*. Monografia de Graduação, Universidade de São Francisco, Bragança Paulista, São Paulo, SP, Brasil.

Santos, V. L. (2015). *Perfil Epidemiológico da Doença de Parkinson no Brasil*. Monografia de Bacharelado, Centro Universitário de Brasília, Brasília, Brasil.

Silva, J. A. M. G., Filho, A. V. D., & Faganello, F. R. (2011). Mensuração da Qualidade de Vida de Indivíduos com a Doença de Parkinson por meio do Questionário PDQ-39. *Fisioterapia em Movimento*, 24 (1), 141-146.

Silva, L. P., Duarte, M. P. S., Souza, C. C. B., Lins, C. C. S. A., Coriolano, M. G. W. S., & Lins, O. G. (2019). Efeitos da prática mental associada à fisioterapia motora sobre a marcha e o risco de quedas na doença de Parkinson: estudo piloto. *Fisioter. Pesqui.*, 26 (2), 112-119.

Souza, A. P. C. (2019). *Design contribuindo para o envelhecimento ativo: um estudo sobre o ligamento afetivo a objetos cotidianos vinculados às memórias de histórias de vida em idosos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, PE, Brasil.

Souza, C. F. M., Almeida, H. C. P., Sousa, J. B., Costa, P. H., Silveira, Y. S. S., & Bezerra, J. C. (2011). A Doença de Parkinson e o Processo de Envelhecimento Motor: Uma Revisão de Literatura. *Revista de Neurociências*, 19 (4), 718-723.

Terra, M. B., Rosa P. C., Torrecilha, L. A., Costa, B. T., Ferraz, H. B., & Santos, S. M. S. (2016). Impacto da doença de Parkinson na performance do equilíbrio em diferentes demandas atencionais. *Fisioter. Pesqui.*, 23 (4), 410-415.

Tomo, C. K., Pereira, V. S. Pompeu, S. M. A. A., & Pompeu, J. E. (2014). Efeitos do treino funcional de membro superior em condição de dupla tarefa na doença de Parkinson. *Revista de Neurociências*, 22 (3), 344-350.

Vasconcellos, P. R. O., Rizzotto, M. L. F., Machineski, G. G., & Costa, R. M. (2019). Condições da exposição a agrotóxicos de portadores da doença de Parkinson acompanhados no ambulatório de neurologia de um hospital universitário e a percepção da relação da exposição com o adoecimento. *Saúde Debate*, 43 (123), 1084-1094.

Veras, R. P., & Oliveira, M. (2018). Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23 (6), 1929-1936.

Wick, C. F., Cavalcanti, A. L. M. S., Merino, G. S. A. D., & Sobral, J. E. C. (2020). Requisitos para projetos de computação vestível para crianças autistas com base no Design Centrado no Humano. *Human Factors in Design*, 9 (7), 122-136.

Zavariz, R. C. M., & Limeira, D. M. (2012). Possíveis etiologias para a doença de Parkinson: uma breve revisão bibliográfica. *Revista Saúde e Pesquisa*, 5 (2), 388-398.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Ítalo José de Medeiros Dantas – 25%

Jeferson Rodrigo Silva Santos – 20%

Rafaela Patrícia de Araújo – 15%

Vanda da Conceição Silva – 10%

Mariana Nunes do Nascimento – 5%

Layla de Brito Mendes – 5%

Alan Jones Lira de Melo – 20%